

Cad.Est.Ling., Campinas, (34):67-76, Jan./Jun. 1998

TÓPICOS COMO ALÇAMENTO DE PREDICADOS SECUNDÁRIOS¹

MARY AIZAWA KATO
(UNICAMP)

ABSTRACT Left-dislocated constituents(LDs) are generally analyzed as generated in a position higher than IP, either in adjunction to it or as a Spec of some functional head. This paper claims that LD derives from movement of a secondary predicate whose subject is the resumptive pronoun. Subject pronoun doubling is analyzed as a form of LD, the strong pronoun originating in a predicate position. Based on the form of the strong pronoun, the case of the LD constituents is claimed to be the “default” case, which can vary crosslinguistically. The similarities between LDs and CLLDs are attributed to the same secondary predicate origin, and the dissimilarities to the different landing process: Spec in the former and Adjunction in the latter.

1. PRELIMINARES

O sintagma nominal inicial periférico uma sentença, com função de “tópico”², tem merecido a atenção dos lingüistas brasileiros, tanto de orientação funcionalista (cf Pontes, 1987; Ilari, 1986), como também de gerativistas (cf. Kato, 1989; Galves, 1993). Quando esse tópico tem um pronome co-referente no interior da sentença, costuma ser chamado de Deslocado à Esquerda (DE). Tais elementos distinguem-se do sujeito sentencial pelas seguintes propriedades:

a) são sempre semanticamente referenciais, isto é, não podem ser quantificados:

- [1] a. Os **meninos**, eles, preferem assistir o jogo.
b. ***Poucos meninos**, eles, preferem assistir o jogo.
c. Poucos meninos preferem assistir o jogo.

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no GT de Teoria Gramatical que se realizou em Florianópolis, em abril/97. Agradeço as contribuições dos participantes, em particular a Rodolfo Ilari, Carlos Franchi, Esmeralda Negrão, Helena Britto e Ana Müller.

² É importante deixar claro que estamos tratando apenas de sintagmas nominais tópicos e não de constituintes que aparecem também em posição periférica inicial, mas que têm proeminência entoacional e recebem a função de “foco”.

O PEDRO a Maria convidou cv.

b) sintaticamente, não exercem diretamente um papel argumental; o argumento a eles associado aparece em forma de pronome, clítico, epíteto, DP repetido ou categoria vazia (cv)³:

- [2] a. **O Collor_i**, ninguém mais quer ver ele_i de novo.
- b. **O Collor_i**, ninguém mais quer vê-lo_i de novo.
- c. **O Collor_i**, ninguém mais quer ver o safado_i de novo.
- d. **O Collor_i**, ninguém mais quer ver o Collor_i de novo
- e. **O Collor_i**, ninguém mais quer ver cv_i de novo.

c) pragmaticamente, não podem ser parte do foco (informação nova):

- [3] A: - Quem comeu o bolo_i ?
- B: - **O bolo_i**, a Xuxu comeu cv_i.
- [4] A: - O que aconteceu?
- B: - ***O bolo_i**, a Xuxu comeu cv_i .

Embora haja o consenso de que o DE se encontra na periferia sentencial⁴, há diferentes análises quanto ao tipo de derivação que dá origem a essa posição. Mas antes, faremos distinção entre o tipo de tópico que vimos vendo e o que se convencionou chamar de “tópico pendente”, com um núcleo regente que nada tem a ver com elementos que vem de dentro da sentença, como é o caso de [5]a:

- [5] a. **Com o João_i**, eu estive várias vezes. (tópico)
- b. **Quanto a João_i**, vou estar com ele várias vezes. (tópico pendente)

O tópico pendente é inquestionavelmente derivado como um objeto sintático independente e não trataremos dele neste trabalho.

Quanto ao tópico *stricto-sensu*, temos diferentes posições. Assim, para Raposo (1996), o DE é sempre um objeto sintático independente, isto é, gerado em adjunção à sentença. Mas ele faz uma divisão categorial, chamando de tópico apenas aos sintagmas nominais referenciais (DPs). Cinque (1990) já distingue DE de deslocação clítica CLLD (clitic left dislocation), isto é, casos em que o elemento dentro da sentença -o resumptivo- é um elemento clítico ou uma categoria vazia e não um pronome forte ou epíteto. O motivo para Cinque efetuar essa partição está no fato de que a CLLD manifesta efeitos de ilha, fato que não ocorre quando temos DE. Contudo, Raposo mostra que o fato tem a ver não com o resumptivo ser clítico, cv ou pronome forte, mas com a natureza categorial do tópico. Usando os exemplos do autor, temos os seguintes contrastes, com a ilha da sentença relativa como local virtual de extração

- [6] a. ***Ao Manel_i**, eu conheço [a rapariga [que (lhe_i) escreveu essa carta]]

³ A forma com pronome forte é do português brasileiro e a que tem o clítico é do português europeu.

⁴ Uma proposta diferente é a de Galves (1993) para quem o DE é o sujeito de AGR (concordância).

b. **O Manel_i**, eu conheço [a rapariga [que lhe_i escreveu essa carta]]

No mesmo contexto de ilha e com o mesmo tipo de resumptivo (clítico ou cv), a sentença é boa se o tópico é um DP e ruim se é um PP. O mesmo ocorre se o pronome resumptivo é forte:

- [7] a. ***Com o Manel_i**, eu conheço [a rapariga [que saiu cv_i ontem a noite]]
b. **O Manel_i**, eu conheço [a rapariga [que saiu com ele ontem a noite]]

Assim, Raposo mostra que se o DE é um DP, o pronome resumptivo pode aparecer dentro de ilhas porque o tópico assim definido é um objeto sintático independente, em adjunção, não sendo ‘ligado’ ao pronome interno à sentença.

Cinque, com este trabalho, defende a visão representacional da gramática, já que ele não pode derivar a agramaticalidade da extração de movimento, pois há um resumptivo no lugar da eventual extração. Em sua visão, temos um caso de ligação para a CLLD e de co-referência para DE.

2. UMA NOVA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA TÓPICO DE

Neste trabalho, pretendo defender uma proposta diferente tanto da de Raposo quanto da de Cinque: o tópico do tipo definido por Raposo resulta de movimento de um DP com função de predicado secundário no interior da sentença cujo sujeito é o resumptivo forte ou clítico. Pretendo que essa proposta tenha validade trans-lingüística, mas por questão de espaço, farei comparação apenas com o inglês e ocasionalmente com o francês.

- [8] a. Eu acho que [ele_i **o menorzinho_i**] é tímido.
b. Eu acho que **o menorzinho_i**, [ele_i t_i] é tímido.
c. **O menorzinho_i**, eu acho que t_i [ele_i t_i] é tímido.
- [9] a. I think I saw [him_i *the little one_i*] yesterday..
b. I think, *the little one_i*, I saw [him_i t_i] yesterday.
c. **The little one_i**, I think ti I saw [him_i, t_i] yesterday.

Com clítico:

- [10] a. Eu acho que a Maria vai trazer [lo_i *o menorzinho_i*] hoje.
b. Eu acho que **o menorzinho_i**, a Maria vai trazê-lo_i hoje.
c. **O menorzinho_i**, eu acho que a Maria vai trazê-lo_i hoje.

Em Kato (1993) propus que o PB tem um paradigma de clíticos acusativos só aparentemente defectivo (me-, te-). Na verdade, com o desaparecimento de lo/o/no, o

paradigma mantém um clítico nulo de terceira pessoa (me-, te-, Ø-). A forma e representação da sentença [10] no PB seria⁵:

- [11] a. Eu acho que a Maria vai trazer [\emptyset_i **o menorzinho**]_i hoje.
 b. Eu acho que **o menorzinho**_i a Maria vai trazer- \emptyset_i hoje.
 c. **O menorzinho**_i eu acho que a Maria vai trazer- \emptyset_i hoje.

A questão que resulta dessa proposta é quanto ao lugar de pouso desse DP predicado. Pode-se imaginar um movimento em adjunção a IP(sentença) ou um movimento para Especificador de um núcleo X. Dadas as restrições de definitude desse DP, proponho que esse traço deve ser checado por um núcleo. Excluo CP por DP ter natureza diferente dos pronomes interrogativos-Q, que aí pousam, e excluo FP (Focus Phrase) por este ser destinado ao pouso de elementos focalizados. Proponho, por exclusão, Σ P, seguindo proposta de Martins (1994), que coloca o sujeito referencial do português europeu (PE) nessa posição. Passamos a ter então a seguinte representação para construções com tópicos-DP:

- [8] c' [Σ P **O menorzinho**_i [IP eu acho que [Σ P t_i [IP [ele_i t_i] é tímido.]]]]]

Proponho, pois, que a partição lógica da proposição em domínio da cláusula restritiva e escopo nuclear de Kamp/Heim possa se dar em Σ e não em INFL como proposto por Diesing (1992). O movimento para o Spec de Σ é assumido como uma checagem aberta dos traços [+R] (+referencial) do elemento deslocado. Sujeito tópico in-situ pressupõe movimento encoberto para Spec de Σ .

Isenção de papel- θ da posição de tópico é consequência da função de predicado, de atribuidor de papel temático ao resumptivo. Apesar de não ter papel temático, sustentarei abaixo que o elemento deslocado tem caso.

Como se vê pelos exemplos em [8], [9] e [10], esse DP-predicado pode se mover localmente (sentenças do tipo b.) ou a longa distância [sentenças do tipo c].

Ao contrário da extração-Q (ou -WH), proponho que o movimento para Especificador de Σ não é sujeito a ilhas, uma vez que não estamos movimentando argumentos, mas um predicado de tipo especial, como veremos abaixo.

- [6] b'. **O Manel**_i, eu conheço [a rapariga [que saiu com [ele_i t_i] ontem a noite]]

⁵ Para o inglês e o PE, que não contam com o clítico nulo, Raposo apresenta outra explicação. E nem poderia ser a mesma do PB já que o PE e o inglês apresentam efeito de ilha enquanto o PB não.

3. A NATUREZA DA PREDICAÇÃO SECUNDÁRIA

A natureza da predicação secundária ou mini-oracção, de onde se origina o tópico, é de um tipo especial. São do tipo que permite inversão como as construções estudadas por Moro(1991) e por Heggie (1988).

- [12] a. The picture on the wall was the cause of the accident.
b. The cause of the accident was the picture on the wall.

Stowell (1989) já havia observado que somente as copulares equativas permitem inversão e que as atributivas do tipo [4] não tem uma correspondente invertida.

- [13] a. Sam is a teacher.
b. *A teacher is Sam. (Stowell, 1989: p.255)

As predicações secundárias internas a DE são de tipo equativas (sem cópula) como se pode ver pelas mesmas restrições vistas em [13]⁶:

- [14] a. I think [**he_i a teacher_i**] is shy.
b.* I think **a teacher_i** [**he_i t_i**] is shy.
c.* **A teacher_i** I think t_i [**he_i t_i**] is shy.

Compare com :

- [15] a. **He_i is Sam_i**.
b. I think [**he_i Sam_i**] is shy.
c. I think **Sam_i** [**he_i t_i**] is shy.
d. **Sam_i** I think t_i [**he_i t_i**] is shy.

O termo “equativo” se deve a esta possibilidade de inversão e também ao carácter definido dos dois DPs envolvidos. Mas há uma diferença que deve ser apontada aqui. Se o DP sujeito pode ser uma mini-oracção equativa, o DP predicado não pode ter seu SPEC saturado por um pronome:

- [16] a. Esse cantor é o genro do Chico.
b. [**Ele_i esse cantor_i**] é o genro do Chico.
c. [[**Esse cantor**]_i [[**ele_i t_i**] é o genro do Chico.]]

b'. Esse cantor é [**ele_i o genro do Chico**]
c'.*[[**O genro do Chico**]_i [esse cantor é [**ele t_i**]]]

⁶ Uma discussão sobre os problemas de extração em predicações equativas pode ser lida em Britto (1995).

Fig 1
DP argumento ou DP predicado

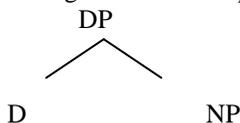
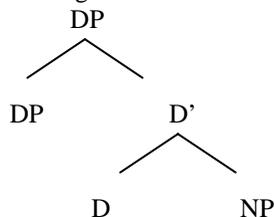


Fig 2
DP argumento



4. O ‘CASO’ DO TÓPICO

Ao contrário do tópico pendente em [5]b e do tópico preposicionado em [5]a o caso do tópico sem cabeça é, à primeira vista, um mistério. Em Kato (1993) propus que o tópico teria caso, independentemente de ter papel temático, por razões de Forma Fonética. Como em muitos casos, o tópico poderia ter ou não cabeça, propus que, quando descabeçado, ele era regido por um núcleo vazio e que quando não havia um núcleo presente, ainda assim, o caso seria o mesmo do que o núcleo presente conferiria. Assumi, na ocasião, que o caso seria acusativo ou oblíquo.

Em Kato (1996) propus, todavia, que o caso do DE é o caso “default”. Este não é conferido/checado, uma vez que é o caso manifesto pelo nominal predicado, no qual não se requer caso para fins de visibilidade temática. É o caso do pronome forte que aparece na posição predicativa e que presumo seja também o caso do predicado DP.

- [17] a. It’s **me**.
 b. C’est **moi**.
 c. Soy **yo**.
 d. Sou **eu**.

- [18] Carlinhos Brown é **o** *genro do Chico*.

Assim, o predicativo, que apresenta caso “default”, mostra um caso de variação trans-lingüística: é dativo no francês, acusativo/dativo no inglês e nominativo no português e no espanhol. Esse mesmo caso é o que aparece quando se duplica o sujeito pronominal:

- [19] a. **Me** he thinks I should rest a little.
 b. **Moi**, il pense que je devrais rester un peu.
 c. **Eu** ele pensa que (eu) devia descansar um pouco.

Em Kato (1996) analisa-se a duplicação do sujeito pronominal como um tipo de DE. Da mesma forma que os DEs, os pronomes fortes podem aparecer a longa distância:

- [20] a. **Peter**_i, I think that **he**_i is a genius.
 b. **Pierre**_i, je pense qu'**il**_i est génial..
 c. **Pedro**_i, acho que **ele**_i é um gênio.

- [21] a. **Me**, John thinks that **I** am a genius.
 b. **Moi**, Jean croit que **je** suis génial..
 c. **Eu**, João pensa que **eu** sou um gênio.

Tal como LD, a duplicação não ocorre dentro da relativa.

- [22] a. * The woman that **John, he** loves is gone.
 b. * La femme que **Jean, il** aime est partie.
 c. * A mulher que o **João, ele** ama foi embora.

- [23] a. * The woman that **me, I** love is gone.
 b. * La femme que **moi, j'** aime est parti.
 c. * A mulher que **eu, eu** amo foi embora.

Como é de se esperar, a extração à distância de dentro da relativa também é marcada, para o PB .

- [24] a. ??**John**, the woman that **he** loves is gone.
 b. ?? **Jean**, la femme que **il** aime est partie.
 c. ?**O João**, a mulher que **ele** ama foi embora.

- [25] a. ***Me**, the woman that **I** love is gone.
 b. ***Moi**, la femme que **j'** aime est parti.
 c. ? **Eu**. A mulher que *eu* amo foi embora.

Se em lugar de deslocados simples tivermos tópicos pendentes no inglês e no francês, encabeçados por “as for”, “quanto a”, a agramaticalidade desaparece. A diferença em relação ao PB pode ser devida à possibilidade, nessa língua, dos tópicos pendentes poderem aparecer descabeçados, isto é, com núcleo nulo como havia proposto Kato (1993).

Os pronomes fortes em [18] derivariam de predicções secundárias e por isso apresentariam o mesmo caso “default”. Para isso, as mini-orações fariam predicções entre pronomes, o que pode ocorrer mesmo em contextos de sentenças finitas. De sua forma reduzida, sem cópula, o predicativo seria extraído.

- [26] a. I am **me** you are **you**; he is **him**. ⇒ Me, ...I...
 b. Je sui **moi**; tu est **toi** ; il est **lui**. ⇒ Moi ...je...
 c. Eu sou **eu**; tu és **tu**; ele é **ele** ⇒ Eu, (eu)...

A representação com essa informação sobre caso segue abaixo:

[8]c” [Σ P **O menorzinho**_i, [$_{IP}$ eu acho que [Σ P t_i [$_{IP}$ **[ele**_i t_i] é tímido.]
 \uparrow _____ (+c. “default”)
cadeia nominativa

Como o caso já vem de sua posição original, a posição de Especificador de Σ é semelhante ao de CP, onde o elemento- Q já vem com caso da posição de origem. Seu movimento é para checagem de [+R] (traços de referencialidade) da mesma forma que o elemento-Q checa o traço [+WH].

4. ALGUNS CASOS DE CLLD

Vimos que as construções em que o tópico é um DP, com um resumptivo clítico ou forte, podem ser explicadas pela minha análise.

Nesta seção, proponho, ainda de forma programática, que é possível tentar uma unificação de análise entre DEs e CLLDs, mesmo os tipos excluídos da condição de tópico pela análise de Raposo.

Cinque (1990) distingue DE de CLLD nos seguintes termos:

- a) DE envolve só NPs (DPs) enquanto CLLD envolve qualquer categoria;
- b) DE opera movimentos a longa distância, CLLD é só local;
- c) DE só ocorre na sentença raiz ou em sentenças complementos de verbos de atitude proposicional (verbos ponte);
- d) DE não é recursivo; CLLD pode ser recursivo.

Proponho que elas se assemelham em relação ao ponto de origem do elemento deslocado -um predicado secundário. Assim, tomemos um exemplo de Cinque, de CLLD:

[27] Al mare, ci siamo già stati. (ao mar, lá já estivemos).

Da mesma forma que propusemos uma mini-oração no caso do clítico objeto em [10], podemos propor [28a] como a estrutura inicial de [27]e a [28b] como a estrutura no momento do “spell-out”.

- [28] a. { **Ci**_i **al mare**_i } siamo già stati.
- b. **Al mare**_i (**ci**_i [_{pp}t_i]) siamo già stati .

Contudo, o predicado não terá o traço [+R], exclusivo dos DPs, o que inabilita [al mare] a pousar em Especificador de Σ , este sim, responsável pelo movimento longo. Os predicados diferentes de DP se adjungem localmente a seu IP. Sendo adjuntos podem ser recursivos. Se assumirmos que a categoria Σ P só é projetada em raízes e

complementos de verbos “bridge” explica-se sua distribuição estrita nesses contextos, possivelmente se supusermos que Σ é o contexto onde se codifica o juízo categórico (cf Britto, 1995).

CONCLUSÕES

A análise proposta neste trabalho, a saber, de que o DP tópico se origina numa predicação secundária do tipo equativa, explica vários fenômenos de uma forma natural. Fornece também uma explicação “derivacional” para as diferenças entre DE e CLLD.

Uma vez que o que ocorre em construções de DE e CLLD é liberar as categorias substantivas dos processos gramaticais - recepção de papel temático e caso, além das funções gramaticais de sujeito, etc, podemos projetar a utilização dessa proposta para as chamadas línguas pronominais, nas quais ocorre justamente essa propriedade das categorias substantivas de se livrarem das funções gramaticais primárias para assumirem funções nos níveis da interface com o discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITTO, H.S. 1995. A codificação sintática dos juízos categórico, tético e responsivo no Português Europeu e Português Brasileiro. Comunicação no I CELSUL, Florianópolis.
- CINQUE, G. 1990. Types of A'-dependencies. Cambridge, Mass: The MIT Press. Diesing, M. Indefinites. Cambridge, Mass: The MIT Press.1992
- GALVES, Ch. 1993. O enfraquecimento da concordância no Português Brasileiro. In: I. Roberts & M.A. Kato (orgs.) (1993). **O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp.
- HEGGIE, L. 1988. A unified approach to copular sentences. In: H Borer (ed) Proceedings of the 7th West Coast Conference on Formal Linguistics. Stanford: The Stanford Linguistics Association.
- ILARI, R. 1986. **Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp.
- KATO, M.A. 1989. Sujeito e tópico: duas categorias em sintaxe? **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 17: 109-132.
- _____. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In: Ashby eta Iii (eds.) *Linguistic perspectives on the Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins.
- _____. 1996. The morphophonology of strong and weak pronouns in the prodrop parameter. Trabalho apresentado no Seminário de Morfologia, USC.
- MARTINS, A.M. 1994. **Clíticos na História do Português**. Universidade de Lisboa: Tese de doutorado.
- MORO, A. 1991. The raising of predicates: copula, expletives and existence In: L.L.S.Cheng and H. Demirdash (eds) **MIT Working Papers in Linguistics** 15; 183-218.
- PONTES, E. 1987. **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas: Pontes Editores.

- RAPOSO, E. 1996. Towards a unification of topic constructions. University of California, Santa Barbara. ms.
- STOWELL, T. 1989. Subjects, specifiers and X-bar theory. In: M.R. Baltin & A.S. Kroch (eds) **Alternative Conceptions of Phrase Structure**. Chicago: The University of Chicago Press.